

## um esquizoexercício ensaístico...: fabulações da e na e com a infância

bianca santos chisté<sup>1</sup>

roger miarka<sup>2</sup>

**brevidade:** Neste trabalho nos lançamos à experimentação de uma composição com palavras, imagens, linhas e movimentos, assumindo aqui, o que denominamos de *esquizoexercício*. Apesar de suas possíveis relações, eles são singulares e expressam um plano de composição possível para problematizar a própria composição escrita e a educação na infância. Indagamos: como imagens produzidas por crianças no âmbito de pesquisas podem nos colocar a pensar sobre o próprio movimento de escrita? Como essas imagens podem operar e produzir uma educação em devir, em devir-criança? Assim, o exercício que aqui segue compõe pequenos textos e imagens e dizem um pouco de inquietações provocadas a partir do nosso encontro com as imagens produzidas pelas crianças e com a infância e com a criança e com a educação infantil e com programas de pós-graduação e com os grupos *Im@go* e *Cronopi@s* e com alguns autores e amigos enfim, com a vida. Tal como a menina ligada em despropósitos e que carregava o tempo nas mãos estes esquizoexercícios não tem lugares prévios, nem de chegada, nem de saída. Expressam a intenção de tirar o pensamento de seus sulcos costumeiros, de pensar em terreno movediço e fissurado.

**esquizoexercício 0:** *que a palavra parede não seja símbolo de obstáculos à liberdade*<sup>MBi</sup>

Parede. Muro. Barreira. Tapume. Buraco. Cerca. Estorvo. Travanca. Empecilho. Estorvo. Impedimento. Tropeço. Resistência. O que pode um obstáculo? Diz a lenda que a semideusa grega Empusa, filha da deusa dos caminhos, alimentava-se de carne humana e aterrorizava mulheres e crianças. Era enviada para resolver “missões especiais” designadas pela deusa Hécate<sup>ii</sup>. Sua tarefa estava relacionada a pôr obstáculos para proteger os caminhos. Com habilidade de se metamorfosear e com sua voz mágica, atraía facilmente homens, mulheres e crianças. Era aquela que ficava na estrada para enganar e devorar os viajantes. Só conseguia escapar dela quem resistisse aos seus encantos.

Normalmente o obstáculo está ligado a algo que impede, entrava, bloqueia, fecha etc. Um obstáculo por vezes nos leva a ações e sensações que emanam vontades múltiplas: desistência, recuo, desânimo, incômodo, mas também teimosia, rebeldia, resistência... Parece que o obstáculo tem algo de sedutor, dele emana uma atração, um jogo de sedução, um jogo que transforma o obstáculo enquanto máquina que impede, que impossibilita a passagem, em uma máquina que impele e impulsiona outros movimentos.

Em nossa infância experimentamos esse primeiro movimento: o do caos. Usufruímos do movimento em que a nossa vida podia (e ainda pode) ser todas as vidas em um destino incerto, não previsto e nem planejado. Porém, muitas Empusas são enviadas com a intenção de impedir, travar, bloquear, comandar, talvez, por onde caminharemos. Mas é ainda na infância, e pela infância, que os

1 Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia, Campus Rolim de Moura. E-mail: [bianca@unir.br](mailto:bianca@unir.br)

2 Professor Associado e Pesquisador da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, E-mail: [roger.miarka@unesp.br](mailto:roger.miarka@unesp.br)

muros e paredes erguidas são transformadas de algo que nos impede de ver e experimentar o mundo, em algo que nos faz sair do mundo. É como se agarrássemos o obstáculo pelo rabo e saíssemos por aí como pipas desenfreadas. Qual é o obstáculo da pipa? Poderíamos dizer que o vento impede a pipa? Ou o vento impele, provoca a pipa? A vontade da pipa, sua vontade de vida, em subir cada vez alto, encontra nas crinas soltas do vento movimentos para ser arrastada sem rumo e direção. Parece então, que pensar em obstáculo é também pensar em possibilidade, abertura, provocação, invenção.

Seria como se entrássemos no país dos brinquedos. O mesmo país que ancorou Pinóquio, do romance de Collodi<sup>GAiii</sup>, no qual não havia nada mais que jogo:

Este país não se parecia com nenhum outro país do mundo. A sua população era inteiramente composta de garotos. Os mais velhos tinham quatorze anos, os mais jovens pouco mais de oito. Nas estradas, uma alegria, uma bagunça, um alarido de endoidecer! Bandos de moleques por toda parte: uns no jogo de gude, outros jogando bola, atirando pedrinhas, sobre velocípedes, em cavalinhos de pau; outros ainda brincando de cabra-cega, de pique, e havia gente vestida de palhaço que engolia fogo; quem recitava, quem cantava, quem fazia piruetas, quem caminhava com as mãos no chão, de pernas pro ar; rodavam argolas, passeavam vestidos de general com o elmo folheado e o espadagão de papel manche; riam, urravam, chamavam, batiam palmas, assoviavam, imitavam o canto da galinha quando põe o ovo: resumindo, um tal pandemônio, uma tal algazarra, tamanha baderna endiabrada que era preciso pôr algodão nos ouvidos para não ficar surdo. GA

Uma invasão na vida pelo jogo, indica o garoto Pinóquio em um país no qual um povo criança entrega-se a festejar mitos e torcer objetos e palavras sagradas, mudando-os, transformando os seus sentidos e os seus propósitos, inventando outros usos, brincando com eles, profanando-os. E se invadíssemos as imagens das crianças e essa escrita pelo jogo? Abriríamos as imagens e a escrita pelo jogo? Entraríamos em jogo com as imagens e a escrita? Entraríamos nas imagens e na escrita pelo jogo? Estaríamos em jogo com as imagens e com a escrita? Jogaríamos pelas beiras com as imagens e com a escrita? O que poderíamos produzir se invadíssemos, transformássemos imagens e escrita em jogo? Profanar as imagens, a escrita, as palavras? Torcer o uso comum e petrificado dado à palavra obstáculo? Talvez seja essa uma possibilidade: contagiar-nos pela profanação e, como as crianças, ao menor toque, transformar qualquer coisa do sagrado ao profano. Profanar como indica Agamben<sup>iv</sup>

abrir possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.

Parece que é nesse impulso profanático e inventivo que opera o cineasta Jorgen Leth, no filme “As cinco obstruções”<sup>v</sup>. Provocado pelo amigo e cineasta Lars Von Trier, Leth tem a tarefa de refilmar

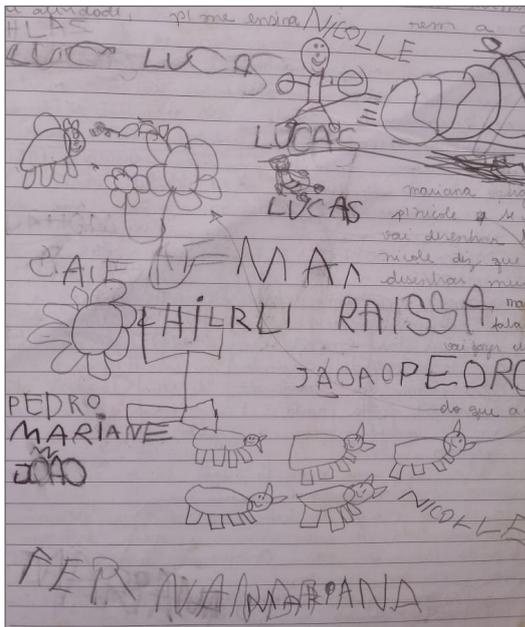
cinco vezes o curta-metragem “The Perfect Human”<sup>vi</sup>. Mas esse exercício vem carregado de problematização. Em cada uma das filmagens Leth precisa se guiar por orientações específicas. O cineasta lida com os 5 (cinco) obstáculos estabelecidos por Von Trier e com o que deseja e se dispõe a fazer. A produção dos curtas-metragens nos apresenta um cineasta que além de ser atrevido, ousado, resistente, faz tremer as regras e é impelido, impulsionado por elas.

Poderíamos pensar então em um obstáculo enquanto força que impulsiona? O que pode um obstáculo que nos faz sair do mundo? O que pode ser produzido no encontro com um obstáculo? Parece que quando nos lançamos em produzir junto a um obstáculo, vemos sendo tragados ao ponto não nos reconheceremos mais. No início pode haver um distanciamento, uma suspeita, uma desconfiança, porém, tão logo se lança, se mergulha, uma certa intimidade é produzida. Se tomamos a ideia, junto a Deleuze<sup>vii</sup> que pensar é um acontecimento, um extraordinário no pensamento, que para isso ocorrer é preciso uma violência, poderíamos dizer que um obstáculo coloca o pensamento em movimento, pois provoca encontros nos quais operam a invenção, o impensável e o ainda não pensável. Seria como se pudéssemos explorar, puxar fora, desorbitar pelo pensamento.

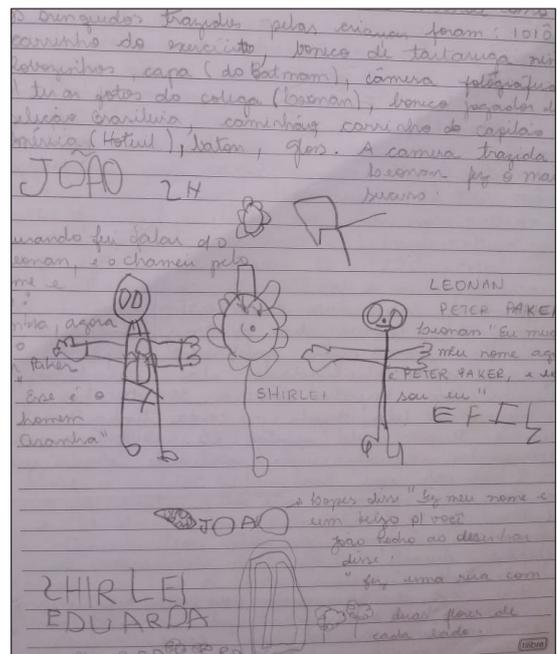
E se um obstáculo se tornasse um esquizoexercício? Uma torção no modo articulado e organizado de olhar, falar, ouvir e escrever, cuja tônica é a representação, com a intenção de sentir e experimentar e não de interpretar? E se o exercício de experimentação consistisse em olhar, não uma, nem duas, mas muitas vezes, imagens das crianças, imagens produzidas por crianças, em contexto de uma pesquisa, sem orientação de adultos, rompendo com os códigos e com os territórios estabelecidos produzindo territórios deslizantes e outros modos de vida? E se pudéssemos embaralhar a língua; cavar as palavras até elas se **esgarçarem de** tanto uso<sup>viii</sup>, corrompendo-as até a quirera? Até que ponto é preciso olhar a si mesmo de outras maneiras, para prosseguir criando e inventando? Até que ponto podemos nos desfazer da distância que estabelecemos com o mundo e com a vida? Quanto de perversão há em manter uma distância? Um corpo clama por proximidade, gritar por intimidade com as paredes, com os chãos, com as câmeras, com as palavras desengavetadas, com os pés, com as sombras, com as cores, com...

Assim, operamos com fabulações tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas, desenhos verbais e não-verbais, nódoas de imagens, linhas tortas, festejos de linguagem. A ideia é produzir agenciamentos e experimentações de desterritorialização dos significados em favor de invenção de sentidos inusitados.

**esquizoexercício 1:** *uma ex-(res) istência em marcas e traços e riscos e risos...*



Quando  
um  
du  
ro  
chão



de  
— lira  
pelas  
leves  
pegadas  
da  
infância.

### esquizeexercício 2: por que escrever é cheio de casca e de pérola

Lápis. Borracha. Caneta. Papel. Caderno. Anota. Rabisca. Arrisca. Belisca. Anda. Corre. Pula. Pensava, entoa, ressoa, destoa. Quarto de prima em guarda caminha. Cadeira. Carteira. Sentada. Escuta. Periquitos. Gritos. Zunidos. Barulho. Ruídos. Conflitos. Porta. Abre. Fecha. Entreflecha. Dispara. Levanta. Anda. Desce. Sobe. Come. Lambe. Corteja. A cabeça lateja, lampeja, peleja. Corpo mexe, remexe, vibra, soa, ressoa. Mão na roda por baixo respira. Foco. Foca. Imagem torcida. Cadê as palavras? Palavra de honra, de rei, de papel, erudita. Palavra cruzada, reservada, vazia. Palavra cortada, emendada, colada. Escreve! Na areia, na teia, na veia. Na roda quadrada imóvel que gira. Na tábua de barro que bate no sino. Na talha de pedra que escorre no limbo. Nem uma, nem duas, nem três ou mais. Nenhuma coisa, nem outra. Espreme. Exprime. Aperta. Força. Parto parteja. Murmúrios. Zumbidos ouvidos. Parada. Traçada. Esboça. Agora vai? Chuva vaza calada, aos poucos, aos pingos. Refresca, acalma a alma penada, aflita, com fome, sem nome. Fala alto, mais grosso, rasgado, vazado.

Recita. Dança. Canta. Declama. Zigzagueia sem rumo, sem turno. Brinca profana os mitos e ritos. Compõe a muitos, à margem, quebrada sem letras. Com letras abertas, bastardas, com riscos. Notas tomadas, tombadas, passadas. Arromba. Derrama. Escorre. Transborda... Desejo obscuro de Infâncias Crianças.

**esquizoexercício 3:** *Repetir repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo.*<sup>MBix</sup>

A repetição acontece sempre... “de novo, de novo...” a cada de novo parece que o acontecido não acontece, não ocorre da mesma maneira. Na cena, uma criança em devir vampiro, uma criança vampiro, com seus dentes vermelhos, ganha vez e vida diante da câmera. Os pedidos de “de novo, de novo...” parecem se repetir ao infinito. O então vampiro com seu som grunhesco, monstruoso e amedrontador se repete, mas sempre variando e diferenciando-se ao mesmo tempo. O tom não é o mesmo, a altura do som não é a mesma, os movimentos de deslocamento são moventes; a posição, a contração do rosto, a elevação dos braços nunca são as mesmas. A tentativa de fazer o “de novo” nunca é da mesma maneira. Nem ao menos se sabe se há intenção dessa diferenciação. O que se sabe é dos risos provocas, muitos risos. Poderia dizer que o “de novo” da *criança vampiro* e a própria criança não é mais o mesmo? A palavra novo no “de novo” poderia indicar um novo, um diferente, um de outro jeito, uma inauguração? Poderia dizer ainda que a palavra é a mesma, mas a coisa evocada não? E quando o “de novo”, a solicitação da repetição pela criança diz mais de uma música, de uma história, de um filme a ser ouvido, assistido... Parece que há algo na repetição que encanta a criança. Seria magia? Não, não se trata de qualquer repetição, mas de uma que sempre provoca novos risos. O que mobiliza a repetição, o “de novo”? O que encanta senão o que aquela repetição produz? Repetição que produz diferença e com ela se diferencia. Repetição que com risos e dentes encanta...

**esquizoexercício 4:** *pois que inventar aumenta o mundo*

Era uma vez um lugar distante, mas muito perto também.

Um lugar habitado por crianças, e adultos também.

Um lugar cheio de terra, areia, folhas, grama e cimento também.

Lá onde crianças e adultos transitam, estacionam, se movem em ritmos, pausas e ligeirezas, ora mais rápido, como a velocidade da luz, ora lentamente como uma lesmatartaruga, ora descansando como a lebre da fábula em que compete com sua amiga de casca dura.

Nesse lugar, em um dia qualquer, como em outros dias, crianças conversam e tagarelam como periquitos.

Ouçã. Levanta. Olha aqui e acolá. Janela abre. Ouçã de novo.





gggggggggggggggggg  
 gagagagagagagagag  
 gaggaggaggaggaggag  
 gagagueueee gagagueueee  
 gagagagueeeiii gagagagueeeiii  
 gagagueueeeiiraaa gagagueueeeiiraaa  
 gagueira  
 gaguejam...  
 periquitos e crianças.

*Que muro não seja obstáculo à infância  
 Que ele possa arregaçar as pernas ao ver  
 uma criança passar.  
 Que ele possa se encher de miudezas: lodo,  
 musgo, ervas, joaninhas...  
 Atrair e ser atraído pelo olhar esbugalhado  
 da infância.*



**esquizeoexercício 6:** *o impossível e o que é*

*possível de acontecer, está em movimento, em devir, no vir a ser<sup>MR</sup>*

E junto à lente da câmera uma outra surge... uma tampinha transparente. “Boa ideia!” alguém grita insistentemente. Agora não é só o *olhocâmera* que vê, compõe-se a isso *olhocâmeratampinha*. Não basta mais o olho “que tudo vê”, não basta mais a *câmeraolho* que tudo captura... *olhocâmeratampinha*... com isso ganha visibilidade uma flor que é trazida para ser olhada por essa tríade. Qual o lugar da “boa ideia!” no coletivo criança? Que afetos e mapas essa “boa ideia!” dispara? Em seguida outro grito de alguém: “Eu vi uma coisinha muito máxima!!!!”... Eis que algo surge diante da câmera por um milésimo de segundo. Seria um casulo envolvido por fios de teias de aranha? Um saco de ovos de uma aranha pirata? Um saco pendurado entre as pilastras de ferro, lá embaixo, quase rente ao chão... Uma *criançaolhocâmera* é atraída, magnetizada pelo que está suspenso, solto ao vento... Casulo ou aranha ou ovos ou sacos ou... não escapa às pequenas piratarías infantis. Parece que aqui, ali e acolá o agir é de puro agir.

**esquizoexercício 7 – sob o pelo da câmera... até sentir o mundo se enamorar de si**

Quem opera a câmera e quem dirige a cena, as filmagens? Quem opera a câmera, dirige o filme? Quem dirige o filme, opera a câmera? Há um eu que dirige e opera? Difícil de saber. Um eco: “*Filma as crianças! Filma lá no parquinho todo mundo!*”. A câmera passa velozmente por entre crianças e é deslocada, alocada no telhado da área coberta do pátio. Vozes: “*Filma com a lâmpada, vai!*”. A *criançaolhocâmera* se movimenta embaralhadamente em uma velocidade acelerada e repousa no telhado da área coberta. A captura da lâmpada passa despercebida pelo olhar. Ouve-se: “Que máximo!”. As ondulações do telhado acinzentado com linhas em azul, que o cortam rente e distante, surgem diante dos olhos, como se nunca os tivéssemos visto antes.

**esquizoexercício 8: pele (jam)**

Preto. Branco. Cinza. Vermelho. Azul. Verde. Amarelo. Quantas cores produz a infância? Chão. Parede. Varal. Curvas. Riscos. Em muitos closes paredes, chão varal nos apresentam crianças e infâncias. Caminhos em imagens. Quais lugares habitam crianças e infância? Por onde caminham crianças e infância? O que o olho vê, ou melhor o que ele deseja ver? As cores que habitam as 11 Produzido por Bianca S. Chisté .imagens? Os lugares que elas nos trazem? O desespero e agonia do corpo, dos olhos, da pele? O rosto petrificado e marcado pelo vazio? A alegria vivida e sentida? Lá fora o vento movimenta impetuosamente as imagens no varal. Parece que crianças e infância que aqui se embalam, desejam atravessar o tempo, atravessar a captura rígida e fixa no papel e sair em cavalos alados atravessando os galhos e troncos secos das árvores. Escuto gritos ao longe.. os gritos das crianças e infâncias voam alto e um silêncio toma conta do meu corpo e mesmo assim o corpo indaga:

estariam as crianças em guerra? Quais suas lutas? Contra quem pelem? Qual é o lugar da criança e da infância...?

**esquizeoexercício 9:** *para ver o invisível é preciso estar distraído*



*... dançar rodopiar girar rir e pular grudada a uma criança até perder*

*... o juízo a razão a lógica; entrar em outras razões ilógicas...*





*... liberar, libertar a educação do decalque...*

*... colocar a educação em devir, em devir-criança...*



**esquizoexercício 10:** *descolorindo*

Era uma vez um mundo todo colorido.

Foi atingido certo dia por um meteoro de sofrimento.

Alguns diziam ter sido mandado por alguma divindade.

Outros diziam que era apenas um pedaço de terra desprendido de outro planeta.

Fosse por uma coisa ou outra, com o impacto as cores começaram a chorar.

A cada lágrima, um pouco mais de cinza o mundo ganhava.

As gotas formaram oceanos imensos.

O mundo se tornava contraste de preto e branco.

As crianças foram as que mais sentiram.

Afinal, por dentro eram apenas arco-íris.

As cores lhes deixavam.

E quando o último tom amarelo deu seu adeus, algo aconteceu aos pequenos.

Seus olhares ainda brilhavam, mas como bolinhas de gude que refletem o que veem.

Suas pelas ainda reluziam, mas como mármore e sua textura perfeita sem arranhões.

Seus braços e pernas ainda se movimentavam, mas como formigas na mesma direção.

Muitos suspiraram aliviados: as crianças ainda estão aqui!

Alguns poucos se perguntaram:

- Olho de gude tem íris?

- Boca de mármore sorri?

- Joelho de formiga arranha?

Mas foi por pouco tempo.

Era apenas um restinho de vermelho que ainda não havia sido chorado...

### **esquizoexercício 11:** *no fim de um lugar*

Um mundo em cores e sons, em movimentos e em formas inomináveis. Diante do olho, imagens produzidas por *câmeras* *scorpos* quicam como nuvens de fumaça, de neblina, de névoa. Parecem produzidas ora em estado de miopias, ora em estado de hipermetropias, com muitos efeitos na curvatura da córnea. O que é aquilo, pergunta a vontade de sentido. Lampejos de sentidos sambam diante do olhar. Eis que surge um...será um dedo? Escapa aos olhos o que é. O suposto dedo tornar-se fumo espesso. Mais uma fâsca de captura surge... será uma blusa, uma grama, uma areia? O sentido é traído e tracionado. E o mundo é disforme e transparente. Tons de cinza, azul, rosa, verde, marrom. Nuanças indefiníveis, sons indecifráveis. E o pensamento procura pelas imagens dogmáticas; as imagens já formadas no pensamento sobrevoam procurando pouso. Agora está cinza, deve ser o piso. Tudo azulou, deve ser o céu. O verde tomou conta, deve ser a grama. Um rosa surge em cena, certamente é a areia. Borrou de marrom, é chão. O que acontece quando as cores saem para brincar? Parece que as *cores* *imagens* brincam de bola, ou não seriam a própria bola? Uma imagem em devir?

A procura pelo ser do sentido instala-se antes mesmo de qualquer outro exercício do pensamento.

Mas parece que as imagens solicitam ao pensamento as forças de **uma terra incógnita jamais conhecida**<sup>SCxii</sup>. Travessas, elas forçam-nos a olhar, embaraçam e constroem nossa intenção de

interpretá-las. Porém, nossa tara pela busca do que é nos leva a agarrarmos a outros indícios: ruídos, gritos, falas, um farfalhar... Estariam as imagens grudadas na velocidade e no ritmo das vozes e das falas das crianças? Os sons parecem desgrudados das *imagenscrianças*. A velocidade e ritmo das vozes e dos sons que explodem diante do olho que vê e do ouvido que escuta indireciona e enlouquece os sentidos dados, afetando-nos e obrigando-nos a irrompê-los.

E já na loucura, buscando um ancorador, a vontade de inícios interroga: Onde elas começam? Fugidias elas escondem-se, confundem-nos, sabotam-nos. Cortam caminho As imagens correm, escorregam feito leite em estado de ebulição, explodem em todas as direções. Apontamos qualquer ponto. Mas o que vem antes? Não sabemos. O ponto de chegada então é um lugar que nunca chega. É como se viajássemos de trem, ou de ônibus, ou de avião ou de... e não fôssemos a lugar nenhum. É aqui que a vontade de certezas se destroça e se contorce, pois elas são lampejantes e deslizantes.

Parece que as *imagenscrianças* produzem um estado de gagueira. Um perder a voz, perder a palavra. Faz-nos instaurar a hesitação, prolongar-nos inesperadamente em durações aiônicas, totalmente imprevisíveis, mas muito intensas. Seguindo aflitos tateantes pelas palavras já não mais tão certas, não mais falantes, as *imagenscrianças* abalam a linearidade do pensamento e o faz deslizar e variar a fim de **desprender um bloco sonoro último**<sup>GD\_xiii</sup> Ao longe escuta-se uma voz gaguejante: esteja sensível aos avisos, esqueça essa obstinação por educar as crianças, alimentem suas paixões de encontrar infâncias que os eduque.

---

i BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013. p. 261.

ii DICIONÁRIO Etimológico da Mitologia Grega. 2013. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod\\_resource/content/2/demgol\\_pt.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf) acesso 25 de março de 2019.

iii AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 81.

iv AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 66.

v AS CINCO obstruções. Direção de Jorgen Leth e Lars Von Trier. 2003. Dinamarca. Panic Productions; Almaz Films; Wajnbrose Productions. I DVD (88 min).

vi THE PERFECT Human. Direção. Jorge Leth. 1967. Dinamarca. P&B. (13 min).

vii DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Deleuze, 1988.

viii BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013, p. 242.

ix BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013. p. 300.

x BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013. p. 278.

xi BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013. p. 178.

xii CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre-RS: Doisa, 2013, p. 178.

xiii DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 125.